

# As passeatas estudantis: aspectos da cultura escolar e urbana\*

Giana Lange do Amaral\*\*

## Resumo:

Com uma visão que privilegia a *participação discente*, o presente trabalho analisa a rivalidade entre duas escolas da cidade de Pelotas – o Colégio Gonzaga, católico, e o Colégio Pelotense, de ensino laico – que tinha seu ponto alto nas irreverentes passeatas estudantis realizadas pelos alunos do Pelotense. O significado e os desdobramentos dessas disputas no contexto sociocultural urbano são a principal questão a partir das quais se desenvolve este estudo que enfatiza as décadas de 1930 a 1960 – época de explícitas rivalidades entre as duas escolas; reflexo, também, do conflito que vinha ocorrendo no Brasil entre os princípios educacionais que as sustentavam: o ensino laico (não confessional) e o ensino católico.

## Palavras-chave:

*cultura escolar; cultura urbana; passeatas estudantis; práticas discentes; educação laica e católica.*

---

\*. Uma versão deste trabalho foi apresentada no GT de História da Educação da 29ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Caxambu, Minas Gerais, em 2006.

\*\*.. Professora no PPGE da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FAE/UFPel). Mestrado em Educação (UFPel) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É bolsista produtividade em pesquisa 2 (CNPq).

# Student marches: aspects of urban and school culture

Giana Lange do Amaral

**Abstract:**

With a vision that focuses on *student participation*, this paper examines the rivalry between two schools in the city of Pelotas – Gonzaga, Catholic, and Pelotense, of secular education – which had its climax in the irreverent student marches performed by Pelotense pupils. The meaning and ramifications of these disputes in the urban socio-cultural context is the main point from which this study is developed, which emphasizes the decades from 1930s to 1960s – the time of explicit rivalry between the two schools; it is also a reflection of the conflict occurring in Brazil between the educational principles that supported them: secular teaching (non-denominational) and Catholic teaching.

**Keywords:**

*school culture; urban culture; student marches; students practices; Catholic and laity education.*

## Introdução

A alegria, a irreverência e a ousadia juvenis demonstradas na realização de passeatas é uma tradição que vem desde os primórdios das universidades europeias. As marchas ou passeatas estudantis constituem-se em movimentos ritualizados e coletivos com objetivos cerimoniais, cívicos, patrióticos ou de protesto, desenvolvendo-se nas ruas das cidades e assumindo características próprias, de acordo com o contexto nacional e urbano no qual estão inseridos. Por vezes evocando de forma saudosista ações do passado ou criticando e alertando sobre situações do presente, essas práticas culturais têm por base um certo nível de consenso público, atraindo a participação e simpatia popular<sup>1</sup>.

Através de diversos símbolos constituídos fundamentalmente por cartazes e imagens caricatas, essas criações culturais representam formas cerimoniais específicas de suas próprias épocas, necessidades e possibilidades.

Com uma visão que privilegia a *participação discente*, o presente trabalho faz parte de um estudo<sup>2</sup> que buscou analisar aspectos que sustentaram as diferenças ideológico-educacionais existentes em duas Instituições Escolares da cidade de Pelotas: o Colégio Gonzaga, de ensino católico e o Colégio Pelotense, de ensino laico, criado pela Maçonaria<sup>3</sup>. O clima de disputa ideológica que havia entre a Igreja católica e a Maçonaria, a partir da década de 1930, transferiu-se de forma peculiar para os alunos do Pelotense e do Gonzaga. O significado e os desdobramentos dessas

- 
1. O artigo de Ryan (1992) conduz alguns esclarecimentos referentes à organização e ao significado das passeatas e paradas como práticas culturais inseridas no contexto urbano.
  2. Tese de doutoramento em educação denominada *Gatos Pelados x Galinhas Gordas*: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960), defendida junto ao PPGEdU/UFRGS em 2003.
  3. O Pelotense foi criado em 1902, por iniciativa da Maçonaria, constituindo-se em uma alternativa de ensino laico de qualidade, que se contrapusesse ao ensino católico ministrado no Gonzaga, criado em 1894 pelos jesuítas, e que era a mais renomada instituição de ensino de Pelotas.

disputas no contexto cultural escolar e urbano são a principal questão a partir da qual se desenvolve este estudo que enfatiza as décadas de 1930 a 1960 – época de explícitas rivalidades entre as duas escolas; reflexo, também, do conflito que vinha ocorrendo no Brasil entre os princípios educacionais que as sustentavam: o ensino laico (não confessional) e o ensino católico. Essa rivalidade tinha seu ponto alto nas irreverentes passeatas estudantis realizadas pelos alunos do Pelotense, em que eram apresentadas críticas ao contexto nacional e internacional, assim como aspectos que envolviam o catolicismo. Essas passeatas incorporaram-se à cultura urbana. É importante salientar que, ao ser estudado o seu significado cultural, se devem ter presentes características que envolvem a história da cidade e do próprio Colégio Pelotense. Características essas vinculadas às procissões católicas<sup>4</sup> (as passeatas dos alunos do Pelotense podem ter representado um irreverente deboche às procissões), aos tradicionais “carnavais de rua”<sup>5</sup> e, também, ao costume dos alunos, desde a criação do Colégio, de saírem às ruas em práticas cerimoniais alusivas a datas comemorativas. Na realidade, as passeatas tornaram-se rituais de unificação de um grupo (Gatos Pelados) contra outro (Galinhas Gordas)<sup>6</sup>.

- 
4. As procissões em homenagem ao Padroeiro da cidade, São Francisco de Paula, já ocorriam desde 1844 (Osório, 1962). Com o crescimento e consolidação do catolicismo em Pelotas, especialmente a partir da instalação do bispado, na década de 1910, as procissões popularizam-se, congregando grande número de fiéis.
  5. “Por ser Pelotas uma cidade extremamente marcada pela presença africana, tornou-se célebre o seu carnaval de rua. No passado mais remoto, essa festa popular guardava reminiscências dos cantos e danças dos antigos escravos; os clubes que saíam às ruas, com seus estandartes bordados a ouro [...]. Com o tempo, foram se misturando a esses traços primitivos as alegrias e os brinquedos europeus. Eram confetes, serpentinas e lança-perfumes; carros alegóricos e corsos; fantasias de Pierrot, de Colombina, de trajes típicos de todo o mundo. Eram homens vestidos de mulher, num desafio às convenções” (Magalhães, 1999, p. 71).
  6. *Gato Pelado* é o apelido dado aos alunos do Colégio Pelotense, assim como *Galinha Gorda*, aos do Gonzaga. Tais denominações originam-se das iniciais “GP” de Ginásio Pelotense e “GG” de Ginásio Gonzaga e, ao mesmo tempo, de uma suposta alusão a alunos oriundos de famílias de origem “plebeia” e àqueles de origem mais abastada e aristocrática.

No Brasil, embora muitos estudos no âmbito da História da Educação privilegiem como objetos de investigação as *práticas culturais*, seus *sujeitos* e seus *produtos*, tomados esses últimos em sua materialidade de objetos culturais, enfatizando os processos de sua *produção*, *circulação* e *apropriação*, pouco se tem pesquisado sobre a participação discente nas instituições educacionais.

Este trabalho faz emergir as práticas dos alunos de uma instituição, constituindo-se em um rico objeto e, ao mesmo tempo, fonte de análise das consequências objetivas provocadas pela assunção de determinadas ideologias educativas, por parte dessas instituições. Dessa forma, busca-se privilegiar as ações dos sujeitos, através da sua apropriação e do uso que fazem das formas culturais, ou seja, de suas *representações*. *Representações* que, segundo as formulações de Roger Chartier, são “práticas culturais”, isto é, são estratégias de pensar a realidade e construí-la (Burke, 1992, p. 34).

Também fundamento minhas análises sobre a *ação dos sujeitos* a partir das ideias desenvolvidas por Pierre Bourdieu. Para esse autor cada grupo social possui um *habitus*, que é a propensão de seus membros para selecionar respostas ante um repertório cultural particular, de acordo com as demandas de uma determinada situação ou de um determinado campo. O conceito de *habitus* é empregado por Bourdieu (1992, p. 8), portanto, como o “sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e ações característicos de uma cultura”. O *habitus* funciona no nível prático como categoria de percepção e apreciação, como princípio organizador da ação, sendo caracterizado como um sistema de “disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento” (Bourdieu, 1990, p. 21). São disposições socialmente construídas que possibilitam ações criadoras, ativas, inventivas de parte dos sujeitos, considerados agentes ativos.

Para o autor, o *habitus* seria a ponte entre as dimensões objetiva e subjetiva do mundo social. As práticas sociais apresentam características típicas da posição social de quem as produz, pois a própria subjetividade dos indivíduos, sua forma de perceber e apreciar o mundo, suas preferências, seus gostos, suas aspirações, estariam previamente estru-

turadas em relação ao momento da ação. Cada sujeito, em função de sua posição social, vivenciaria experiências que estruturariam internamente sua subjetividade, constituindo uma espécie de *matriz de percepções e apropriações* que orientaria e estruturaria suas ações.

Neste estudo, pretende-se caracterizar a produção de um *habitus* específico comum aos alunos que estudaram nessas escolas – os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas – e que se torna bastante nítido a partir da década de 1930. São valores, atitudes, posturas, sentimentos e ideias compartilhados por muitos daqueles que passaram por esses educandários e que, percebe-se, são nitidamente diferenciados. Eles resultam das *táticas de apropriação* e das *estratégias de imposição* de modelos culturais, ou seja, da forma pela qual os indivíduos reinterpretem e se utilizam de modelos culturais impostos e que estão em circulação num determinado momento (Certeau, 1994).

Nesse sentido, fica clara a importância do estudo da cultura escolar focalizando aspectos históricos de uma determinada instituição de ensino. Segundo Frago (1994), *cultura escolar* deve ser entendida como um conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui

práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos – história cotidiana do fazer escolar –, objetos materiais – função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento... –, e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas (Frago, 1994, p. 5).

É interessante apontar que o Pelotense, assim como o Gonzaga, foram referências de educação formal na cidade e no estado, formando a elite intelectual e econômica da região<sup>7</sup>. Tiveram sua história intimamente ligada ao desenvolvimento do ensino superior público e privado

7. Conforme Bourdieu (1992), as elites econômicas, além de se firmarem pela posse da riqueza, distinguem-se socialmente por meio de ações simbólicas, tais como o vestuário, a linguagem e a escolha da escola de seus filhos.

em Pelotas, pois a partir desses colégios foram criadas faculdades que, juntamente com outros cursos, deram origem à Universidade Católica de Pelotas, fundada em 1960, e à Universidade Federal de Pelotas, fundada em 1969.

Salienta-se que, desde a sua gênese, no clima de ferrenha disputa político-ideológica entre a Maçonaria e a Igreja católica, através da educação, o Pelotense e o Gonzaga buscavam preservar e ampliar sua área de influência na sociedade. A educação constituía-se, portanto, num campo estratégico para a propagação e a inculcação de suas ideias.

O Colégio Pelotense, onde meninos e meninas estudavam juntos, e o Gonzaga, colégio católico masculino, defendiam junto à comunidade pelotense diferenciadas posturas ideológicas, às quais estavam atrelados desde a sua criação. Assim, revela-se fundamental a abordagem sobre as relações declaradamente pouco amistosas, especialmente entre os alunos, dessas duas instituições de ensino.

Isto posto, as diretrizes gerais que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa são metodologias que ampliam a perspectiva do uso de fontes. É certo que a pesquisa histórica exige cada vez mais a diversificação de materiais a serem utilizados na investigação, o que leva à ampliação de fontes escritas, orais e iconográficas. Nesse sentido, Le Goff (1995) nos diz que o *documento*, aqui entendido como *prova*, é *monumento* – tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação. Ressalto ainda que, assim como o *fato histórico*, que não é um objeto dado e acabado já que resulta da construção do historiador, o *documento* não pode ser considerado um material objetivo e inocente, pois exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro. Segundo esse autor,

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (Le Goff, 1995, p. 545).

As fontes resultam das escolhas e da abordagem do historiador para que se possa construir a narrativa do texto. Como afirma Ragazzini (2001, p. 14),

as fontes não falam per se. São vestígios, testemunhos que respondem às perguntas que lhes são apresentadas. A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. [...] A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados (*accertabilità*) sobre o passado.

Sendo assim, no presente estudo, foi fundamental a análise das fotografias das passeatas estudantis tendo por base Leite (2000) e Cardoso e Mauad (1997).

Os jornais, boletins informativos, almanaques e revistas constituíram-se em uma fonte fundamental na coleta de dados, pois possibilitaram uma leitura das manifestações contemporâneas aos acontecimentos, e uma real aproximação dos discursos emitidos na época em relação ao projeto de sociedade, bem como às instituições sociais, e dentre elas, à escola. No entanto, tais fontes se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes passageiro, representando um produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico e devem ser analisados a partir dessa compreensão. Neste estudo, também são utilizados como uma fonte potencial de pesquisa os impressos estudantis produzidos pelos alunos do Gonzaga e do Pelotense. Assim, tem-se a possibilidade de se ouvir uma voz pouco escutada pelos pesquisadores. É o ator estudante que se manifesta, que registra, que inscreve a sua manifestação através dos impressos.

## 1. As passeatas

Em Pelotas, as passeatas dos Gatos Pelados representaram a continuidade de uma confraternização estudantil que já existia na cidade desde o ano de 1913: a Semana Centenária.



Foi em 1913, num período de expectativas e dificuldades enfrentadas tanto em nível mundial – com os conflitos que levaram à Primeira Guerra – quanto em nível local – com a decadência das charqueadas, importante atividade econômica da cidade –, que João Simões Lopes Neto<sup>8</sup> lançou, pela imprensa, entre os jovens estudantes da cidade de Pelotas, a ideia da comemoração da Semana Centenária. Esse nome surgiu em alusão ao fato de que no ano anterior, no dia 7 de julho de 1912, a cidade completara cem anos. Seu aniversário havia sido amplamente comemorado. A história de crescimento econômico e cultural de Pelotas, que teve seu apogeu na segunda metade do século XIX, foi, então, muito lembrada. Provavelmente em razão das dificuldades que a cidade já vinha enfrentando, os ecos das comemorações do ano anterior motivaram Lopes Neto a incitar a “juventude estudiosa” a parar suas atividades escolares durante uma semana para que fossem realizados os festejos do que propôs ser a Semana Centenária, que ocorreria do dia 7 de julho ao dia 14 de julho – data em que, desde a implantação da República, os pelotenses, nos meios sociais e intelectuais, enalteciam os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, propugnados pela Revolução Francesa<sup>9</sup>.

Todos os jornais da cidade trazem farto material sobre os dias de comemoração da Centenária, principalmente no seu primeiro ano de realização. Eles são uma boa fonte para que se possa entrar em contato com aspectos da cultura urbana nesse período e dessa festa que se tornou tradicional na cidade no início do século XX. Os detalhes descritos a seguir passam a ter mais significado para o presente estudo pelo fato de a Centenária ter sido o movimento que provavelmente inspirou a realização das passeatas dos Gatos Pelados.

- 
8. Considerado hoje o grande escritor regionalista brasileiro, precursor do Modernismo. Dentre suas obras estão: *Contos Gauchescos*, *Lendas do Sul* e *Causos do Romualdo*, assim como inúmeras peças de teatro, crônicas e poesias. Foi um entusiasta nas comemorações do Centenário de Pelotas, em 1912, quando fundou a *Revista do Centenário*. Por um tempo foi professor do Ginásio Pelotense.
  9. Isso porque boa parte da elite intelectual pelotense era constituída, fundamentalmente, por maçons, republicanos e positivistas, para os quais a Revolução Francesa representava a grande referência de seus ideais.

Ressalta-se que esse foi um período em que a rua ganha uma nova dimensão, reflexo de comportamentos coletivos que se transformam em verdadeiros espetáculos: os carnavais de rua, as passeatas, procissões e até mesmo o *footing*, que através do simples ir e vir de homens, mulheres e crianças nas calçadas da principal rua da cidade, a XV de Novembro, torna-se um misto de conagraçamento social familiar com um típico ritual de sedução entre os mais jovens. O fundamento principal dos festejos da Centenária seria o de abrir

“um ciclo de amorosa comemoração do esforço dos antepassados, ano a ano relembrados, numa cerimônia expressiva e edificante, a que todos darão o seu assentimento e apoio [...] a um rito de puríssimo amor repassado de gratidão aos que se foram, e aos quais devemos tudo o que somos e o que seremos”. Aos estudantes caberia a tarefa de serem “obreiros de um templo” em que se confundissem “os ecos do passado, os ruídos do presente e os vagos e imprecisos anseios do futuro” (*Diário Popular*, 5/7/1913, p. 1).

Ao mesmo tempo em que o autor da ideia propunha que se realizasse um amplo movimento estudantil, que contasse com a participação de alunos de ambos os sexos e de todas as idades (acadêmicos, de ensino secundário e de ensino primário), marcado pela irreverência e alegria, semelhante aos que ocorriam em outros países europeus e importantes cidades brasileiras, não passa despercebida a ideia de que se voltasse ao passado, buscando lições ao presente, cuja decadência, de uma forma ou de outra, já se fazia sentir. Não se deve esquecer que a cidade de Pelotas, naquela época, ainda se singularizava pelos estreitos laços que mantinha com a “cultura civilizada dos grandes centros”, especialmente, europeus. Foi então lançada a ideia de que se realizasse, anualmente, um culto cívico que se incorporasse às tradições da cidade. Um culto que fosse encabeçado pela juventude pelotense e que representasse uma afirmação dos sentimentos de gratidão e reconhecimento das gerações novas para com os antepassados, que constituíram o progresso da cidade. Seria, segundo expressões recorrentes nos jornais da época, *uma homenagem anual ao passado de Pelotas*.

Ressalta-se que desde o final do século XIX e boa parte do século XX, no Brasil, as práticas evocativas e as liturgias de recordação, condicionadas ao paradigma positivista republicano, reforçavam a perspectiva tridimensional do tempo: passado, presente e futuro. A partir do presente histórico, buscavam-se no passado fatos, pessoas, experiências e expectativas que justificassem a existência de determinados grupos sociais e que pudessem conferir-lhes a sua direção e identidade.

Pode-se observar que o presente se entrecruza com o passado e o futuro, com a recordação e a esperança, buscando possibilitar a instituição e o reconhecimento de identidades coletivas através de ritualismos memoriais.

Dessa forma, o rito torna-se o meio mais adequado para a reconstrução das memórias individuais e coletivas, consolidando, por meio de critérios unificantes e de transmissão, uma ideia de identidade, de filiação, de distinção, ou seja, de pertencimento a um grupo social, classe ou nação.

As reminiscências comuns, repetições rituais, conservação de saberes e símbolos são condições necessárias a esse sentimento de pertencimento e de continuidade, opondo-se ao possível esquecimento do que já passou. O ideal de sobrevivência na memória dos vivos surge como uma “possibilidade de se vencer a morte, num jogo ilusório que finge esquecer que, tarde ou cedo (duas, três gerações?), também os mortos ficarão órfãos de seus próprios filhos” (Catroga, 2001, p. 52).

As passeatas da Centenária obedeciam a um itinerário, também proposto por João Simões Lopes Neto. Partindo do centro administrativo e cultural da cidade – onde a Prefeitura, a Bibliotheca Pública e a Escola de Agronomia<sup>10</sup> se situavam junto à praça principal –, os estudantes iam até a catedral, local em que prestavam uma homenagem à cidade junto

---

10. Esse foi o primeiro estabelecimento de ensino superior do estado. Fundado em 1883 como Instituto Agrícola e Veterinário Eliseu Maciel e assolado por dificuldades financeiras, o instituto foi extinto. O município comprou o seu edifício e ali fundou o Liceu Riograndense de Agronomia e Veterinária, que em 1909 foi reformado e passou a se chamar Escola de Agronomia e Veterinária.

à lápide comemorativa do centenário da fundação de Pelotas (na Praça José Bonifácio, em uma das faces da catedral).

Assinala-se como curiosidade o fato de que em muitas cidades brasileiras a igreja principal se localiza junto à Prefeitura, ao redor de uma praça. Pelotas possui uma situação diferenciada: embora tenha sido doado um terreno ao redor da praça principal da cidade para a construção da catedral, ela manteve-se a algumas quadras do centro administrativo da cidade. Ao lado da Prefeitura, em um prédio de igual imponência, encontra-se a Bibliotheca Pública Pelotense, local que, desde fins do século XIX, se tornou o centro de muitas atividades culturais realizadas na cidade.

Em razão da distância que separava o maior templo religioso católico do centro administrativo e cultural da cidade, cria-se um lócus privilegiado para o desenvolvimento da memória ritualisticamente compartilhada por procissões, desfiles e passeatas, que percorrerão o espaço entre esses dois importantes locais.

Mas, em 1916, um fato impede as comemorações da Semana Centenária. Um mês antes de sua realização, morre João Simões Lopes Neto. A imprensa silenciou sobre a comemoração da Centenária que, provavelmente, não ocorreu nesse ano.

Em 1917, as passeatas irreverentes e as alegres merendas em praça pública dão lugar a romarias ao cemitério em homenagem a Lopes Neto, bem como aos professores, poetas e jornalistas falecidos<sup>11</sup>.

O culto cemiterial dos mortos, com toda a sua pompa e retórica, passa então a ser o ponto alto da Centenária, estando bem de acordo com o seu inicial apelo rememorativo. Dessa forma, durante alguns anos, a irreverência dá lugar à nostalgia. E o criador da Centenária, que tanto enaltecia Pelotas *no seu passado heroico e na opulência certa de seu futuro*, passa a ser o grande homenageado de seus festejos.

---

11. É interessante salientar que, nessa época, era comum que fossem proferidos discursos junto ao túmulo de pessoas ilustres. E os discursos eram, geralmente, transpostos para os jornais locais, o que os torna uma importante fonte de consulta para os pesquisadores.

Os estudantes saíam em bondes, geralmente franqueados pela Light – empresa responsável por esse meio de transporte –, em direção ao cemitério. Levavam flores e assistiam aos tão apreciados espetáculos de retórica diante dos túmulos daqueles que, em vida, contribuíram para o desenvolvimento intelectual e material da cidade. Para se ter uma ideia da extensão dessa programação, em 1922, segundo os periódicos locais, os alunos prestaram homenagens perante o túmulo de sete ilustres pelotenses: João Simões Lopes Neto, doutor Cunha Ramos, o poeta Lobo da Costa, doutor Gomes da Silva, Arsênio Maia, Taveira Júnior e Jaime de Carvalho. E diante de cada túmulo eram pronunciados discursos em alusão àquele homenageado.

O belíssimo cemitério da cidade, com alguns túmulos que são verdadeiras obras de arte, era, então, um espaço social bastante concorrido. Refletia um período em que as sepulturas, os mausoléus e os jazigos tinham por objetivo preservar a memória dos oriundos das classes abastadas da cidade, materializando uma exemplaridade normativa que educasse e reforçasse a crença na duração das respectivas famílias ou grupos. Sua beleza e suntuosidade, além de retratar o desenvolvimento econômico e cultural de determinada parcela da população, serviam de suporte simbólico necessário à sua imortalização na memória coletiva.

Pela imprensa local é possível constatar o quanto o culto cívico aos mortos foi uma prática comum na sociedade pelotense nas primeiras décadas do século XX. Esse fato deve-se à forte influência dos ideais positivistas e da Maçonaria, que consideram os ritos cívicos como sucessores dos de base religiosa (católica). Catroga (1999) lembra-nos que, para os seguidores dessas ideologias, o culto aos mortos e a estrutura formal de seus ritos têm um valor pedagógico. Eles tratam de descristianizá-los, dando-lhes um significado de homenagem e de celebração comemorativa, valorizando a sua importância social, educativa e cívica. Segundo esse autor,

essa seria uma forma mitigada de dar continuidade à transformação ritual do morto em antepassado, isto é, em figura exemplar finalmente depurada para a comemoração [...] empenhadamente sublinharam o valor do culto dos mortos

para a formação da cidadania, ideal que, como palco, exigia prioritariamente o reconhecimento dos cemitérios como espaços públicos e a sua encenação como lugares da memória (Catroga 1999, p. 36-37).

As passeatas estudantis da Semana Centenária continuaram a ocorrer até a década de 1930. Em 1935, ao que tudo indica, os alunos da cidade não conseguiram unir-se para que suas festividades fossem levadas a efeito. Provavelmente para isso contribuíram os desentendimentos que ocorreram no mesmo período em que se realizaria a festa estudantil, envolvendo alunos do Gonzaga e do Pelotense, em torno do resultado de uma partida de futebol. Esse conflito assumiu grandes proporções ao ser transposto e acompanhado pela imprensa local. No “clima de guerra” que se instalou entre os dois educandários, parece óbvio que os alunos não se dispusessem a organizar uma confraternização seguindo o espírito proposto por João Simões Lopes Neto, ou seja, de unir a classe estudantil através da realização de conferências, passeatas, homenagens (visitas aos túmulos de professores eméritos, inauguração de retratos de professores) e comemorações sociais (reuniões dançantes, concertos, bailes).

Sendo assim, diante dessa situação de conflito com os gonzagueanos, se fortalece entre os alunos do Pelotense certo espírito estudantil mais individualista e ufanista pelos valores preconizados por sua Escola. Em 12 de julho de 1935 (posteriormente transferido para o dia 14 de julho), instituíram o “Dia do Gato Pelado”<sup>12</sup> e realizaram, no período em que vinha ocorrendo a Semana Centenária, a primeira Passeata dos Gatos Pelados<sup>13</sup>.

---

12. Os Gatos Pelados, desde 1935, têm o “seu dia”. Em anos passados ele era amplamente comemorado. Mas hoje, juntamente com o “dia do professor”, o “dia do funcionalismo público” e o “dia do aniversário da escola”, sem maiores celebrações e rituais, essa data não passa de mais um feriado em que a escola fecha suas portas, e muitos de seus membros ficam em suas casas sem saber muito bem por qual motivo.

13. É provável que as Passeatas dos Bichos (calouros que entravam para a universidade em Porto Alegre), que apresentavam características de irreverência e crítica semelhantes à dos Gatos Pelados, tenham começado seus desfiles no mesmo período – década de 1930. Sabe-se que muitos alunos do Ginásio Pelotense se dirigiam para a capital do estado para realizar seus estudos de nível superior e, possivelmente, para lá

A partir daí, os estudantes do Pelotense passaram a realizar suas passeatas através de um itinerário semelhante ao percorrido pela Centenária, embora com um objetivo bem diferente<sup>14</sup>. Se a Centenária visava congregar todos os estudantes de Pelotas em torno do objetivo comum de enaltecer o passado junto a um templo do catolicismo, as passeatas dos Gatos Pelados denunciavam com muita crítica e bom humor aspectos da realidade presente e seu grande objetivo era, ao passar pela catedral e pelo Colégio Gonzaga (que se localiza junto à catedral), afrontar seus rivais, os Galinhas Gordas, assim como a Igreja católica.

A organização das passeatas era feita com bastante antecedência, sendo que havia diversas comissões que se encarregavam da coordenação à coleta de todo o material necessário para a confecção dos quadros humorísticos, faixas, fantasias etc. As alunas, de forma condizente ao comportamento que se poderia esperar de “moças de família”, não desfilavam nas passeatas, mas participavam de suas comissões de organização.

A elaboração dos quadros apresentados ficava sob responsabilidade de alguns alunos e ex-alunos que tinham especial talento artístico e perspicácia para a crítica dos mais variados fatos. Os quadros exibidos anualmente eram de papel e mediam 1,5 metros quadrados, sendo presos a sarrafos de madeira para que os alunos pudessem carregá-los. Esses quadros recebiam uma censura prévia da direção da escola, que geralmente conseguia negociar com os estudantes a retirada de alguns que ultrapassassem a crítica inocente e jocosa e ferisse a moral e os bons costumes.

A tônica principal dos desfiles era a irreverência dos participantes, o humor e o espírito crítico manifestado nos cartazes apresentados.

---

levavam suas experiências sobre essas interessantes práticas culturais. As Passeatas dos Bichos em Porto Alegre constituem um interessante objeto para pesquisas no âmbito das Ciências Sociais, especialmente, da História da Educação. No presente estudo, não foi possível determinar as prováveis influências ou intercâmbios dessa prática que caracterizou, por um período, a cultura urbana de Pelotas e da capital do estado.

14. Ressalta-se que os estudantes de outras instituições de ensino da cidade não mais realizaram passeatas comemorativas.

De forma descontraída e caricata, muitos eram os alvos das críticas: a situação internacional e nacional, os políticos, as instituições e as autoridades educacionais e administrativas (prefeitos, vereadores, secretários municipais e até diretores e professores do Pelotense). Mas o principal alvo era a Igreja católica, especialmente a figura do bispo diocesano D. Antônio Zattera e, é claro, seus rivais, os Galinhas Gordas.

As ruas da cidade por onde passava o desfile se enchiam de populares que, contagiados com o divertido espetáculo, serviam de alegre moldura a esse jocoso movimento estudantil. Apesar do policiamento muitas vezes ostensivo, havia incidentes sem maior gravidade entre os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas.

Geralmente a direção do Pelotense era bastante condescendente com as passeatas. Pode-se afirmar que essa era uma característica fundamental que singularizava essa instituição de ensino e que, obviamente, a diferenciava de seus rivais gonzagueanos. Enquanto os Gatos Pelados marcavam seus posicionamentos em público, principalmente através de suas passeatas, os “obedientes” Galinhas Gordas submetiam-se às orientações dos Irmãos que não permitiam a realização do que poderiam ser as “Passeatas dos Galinhas Gordas”. Havia, quando muito, alguma troca de insultos ou empurrões entre os alunos dos dois educandários quando a Passeata dos Gatos Pelados passava pelo Colégio Gonzaga.

No entanto, alguns episódios de críticas e descontentamentos gerados pelas apresentações de alguns quadros nas passeatas extrapolaram o âmbito de simples disputas entre o corpo discente de duas instituições educacionais. Acabaram por envolver a intervenção de autoridades do Poder Executivo e Legislativo municipal e estadual, provocando intensos debates, aí já transpostos para o campo ideológico e político-partidário.

É interessante salientar que as disputas entre os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas se consolidaram com as passeatas e também com as competições futebolísticas entre as duas escolas. Mas seria por demais simplista limitarmos essa rivalidade a questões específicas entre os alunos. Ao que tudo indica, refletiam, também, o contexto da política educacional brasileira existente nesse período em que era nítida a disputa ideológica entre liberais (defensores das escolas públicas) e católicos



(defensores das escolas particulares). Da mesma forma, refletiam posicionamentos em relação a questões de cunho ideológico e à condução político-partidária das diversas administrações da cidade, assim como as diretrizes tomadas por autoridades administrativas do Colégio Pelotense e do Colégio Gonzaga.

## 2. As passeatas através de suas imagens

No Colégio Pelotense, foi encontrado um acervo de mais de duzentas fotografias que documentam os desfiles e os cartazes que os alunos carregavam nas inúmeras passeatas anualmente realizadas no *dia do Gato Pelado*. Esses cartazes eram recheados de críticas e bom humor. Como já foi dito, eles abordam aspectos do contexto internacional, nacional, regional e local, sendo recorrentes temas como a Guerra Fria, a situação política e econômica do Brasil, da Região Sul e da cidade de Pelotas, bem como o anticlericalismo, cujos principais alvos eram o bispo de Pelotas e o Colégio Gonzaga. As críticas ao contexto pelotense iam das características peculiares de sua sociedade aos problemas de infraestrutura urbana.

Na utilização da fotografia como fonte de pesquisa toma-se por base Cardoso e Mauad (1997), pois além de considerarem a fotografia a materialização da experiência vivida, das memórias de uma trajetória de vida, de flagrantes sensacionais, de lembranças do passado, de mensagens codificadas em signos, consideram-na, também, uma marca cultural de uma época que reflete uma dada visão de mundo, representando uma fonte que pode transmitir-nos muito mais do que os nossos olhos podem ver. Esses autores apontam, então, para a importância da compreensão da imagem fotográfica como um *documento* que revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado e do qual a mais detalhada descrição verbal não daria conta. E, também, como uma *imagem/monumento*, ou seja, aquilo que no passado a sociedade pretendia que fosse perenizado de si mesma para o futuro.

Nas passeatas dos Gatos Pelados, embora alguns alunos se utilizassem de fantasias, faixas ou outros objetos que pela simples apresentação se mostravam carregados de significados, era através dos quadros e cartazes que melhor conseguiam expressar irreverência, crítica e bom humor.

Pelos depoimentos orais colhidos quando da análise das fotografias constatou-se que as passeatas não se constituíam em movimentos em que todos os seus participantes tivessem consciência a respeito do conteúdo ou significado das críticas que eram realizadas. Para a maioria dos jovens, não passava de um alegre carnaval de inverno que vinha bem ao encontro do espírito exibicionista de todo adolescente, conquistando a simpatia de alguns e a fúria de outros.

O alto nível de percepção das discrepâncias do contexto político-social local, nacional e internacional advinha de alguns alunos do Grêmio e também de ex-alunos que já se encontravam em cursos de ensino superior da cidade, em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro. A elaboração dos quadros tornou-se uma tradição em que os mais velhos passavam suas técnicas e experiências aos mais moços.

Em relação às fotos que retratam as passeatas e os cartazes que nelas eram apresentados, buscando uma melhor compreensão e organização, foram seguidas orientações metodológicas de Leite (2000), dividindo-as inicialmente por temas. São eles: política internacional e Guerra Fria, conjuntura nacional, contexto regional e local e Colégios Pelotense e Gonzaga. Portanto, as fotos foram analisadas tendo em vista essa divisão preestabelecida.

Em seu texto, Leite (2000) busca uma compreensão crítica da fotografia histórica e das formas de se distinguir o que é dito e o que é silenciado no espaço visível. Ela lembra-nos que, nos trabalhos de Ciências Humanas, é frequente a utilização da fotografia como ilustração do texto, representando apenas a

vitrine, através da qual o leitor pode tomar um contato imediato e simplificado com o texto.[...] O conteúdo aparente da fotografia determina sua legenda. As brechas do texto que a imagem preenche com informações ou representações não são verbalizadas (Leite, 2000, p. 146-147).

Como esta análise, além de partir do presente, é um olhar de quem não viveu esse período da história, na interpretação de algumas fotos que tratam de fatos mais específicos dos quais não ficaram registros escritos, contei com a tradução daqueles que viveram essa época e produziram tais documentos. Não foi objetivo conceituar o humor ou explicar o uso social do cômico, mas sim apreendê-lo como forma de manifestação de um dado grupo social que, a partir dessas representações, fortalece sua identidade em um determinado período de sua história.

É importante que se atribua a devida proporção à efetiva participação e envolvimento dos alunos do Pelotense nas passeatas. Como foi dito, torna-se claro, até mesmo em razão da forma como são abordados alguns assuntos, pelas críticas na imprensa e pelos relatos dos organizadores das passeatas, que a sua organização e a elaboração dos cartazes e faixas eram bastante influenciadas por um restrito grupo de alunos e ex-alunos.

O fato de recriar significados é uma característica intrínseca das representações dos quadros humorísticos das passeatas. O propósito da observação das imagens, com este estudo, é sugerir uma leitura (entre outras tantas possíveis) dessas percepções críticas acerca da realidade cotidiana, da pluralidade de acontecimentos que marcavam aspectos da história de uma determinada época em Pelotas, no Brasil e no mundo.

Das duzentas fotografias disponíveis sobre as passeatas, foram utilizadas quarenta no presente trabalho, selecionadas tendo por base a sua maior, ou melhor, informação imagética. Na sua observação, são levantados aspectos mais objetivos do que subjetivos que propiciam uma leitura direta e imediata da imagem como fonte de percepção, de identificação de detalhes fundamentais na interpretação do fato estudado.

É também propósito do estudo das imagens fotográficas o questionamento e a relativização das versões de quem viveu e presenciou as passeatas. São muitas as possíveis leituras sugeridas pelas fotografias. Não se objetivou fazer a decodificação das mensagens subjacentes, das relações ocultas ou menos aparentes operadas pelas imagens, embora se tenha presente a ideia de que a fotografia não é um reflexo imparcial, objetivo e neutro da realidade.

Pelas fotos constata-se que as críticas ao clero, à Igreja católica e aos Galinhas Gordas eram uma constante em todas as passeatas, sendo, portanto, causadoras de muitos desentendimentos que envolviam não só a organização interna dos dois Colégios. Envolviam, também, a Igreja, os poderes públicos e a imprensa, propiciando à população pelotense não só o espetáculo de sua apresentação no dia dos Gatos Pelados, mas discussões que perduravam até a realização de outra passeata...

Nos cartazes em que aparecem referências à conjuntura internacional no período da Guerra Fria, percebe-se que as críticas dos Gatos Pelados recaíam tanto para a atuação dos Estados Unidos como para a União Soviética. Mas, ao que parece, eles não retratam a politização e o conhecimento conjuntural por parte da maioria dos Gatos Pelados. Há relatos de que muitos desconheciam o conteúdo dos cartazes que carregavam. Eles refletiam, isto sim, o conhecimento e o posicionamento daqueles poucos alunos (e ex-alunos) que os elaboravam. Mas não restam dúvidas de que agradavam ao público que assistia e aplaudia sua apresentação e que era unânime em afirmar que “tais críticas só poderiam vir de Gatos Pelados...”.

Críticas a situações do cotidiano político da cidade e do país eram sempre apontadas nos quadros das passeatas e, ao que tudo indica, faziam muito sucesso. Da mesma forma, assuntos que foram notícia ao longo do ano na cidade mereciam especial atenção: a demora na construção da ponte sobre o canal São Gonçalo, localizado na rodovia entre as cidades de Pelotas e Rio Grande; a grande quantidade de engraxates na praça; a situação da saúde no município; péssimas condições do fornecimento de energia elétrica; futebol; turfe etc.

Na realidade, as passeatas dos Gatos Pelados eram um carnaval de inverno, com dois diferenciais: havia duas instituições de ensino como referência, e argumentos sociais, políticos e ideológicos, interpretados de forma jocosa, como enredo. O motivo que movia a imensa maioria, tanto dos que participavam quanto dos que assistiam às passeatas, era simplesmente a diversão, não havendo, via de regra, engajamento maior ao conteúdo de muitas das críticas apresentadas.

## Considerações finais

No longo espaço de tempo que abrangeu este estudo, houve muitas mudanças no corpo docente e no corpo discente das duas escolas. Várias reformas educacionais se sucederam; a conjuntura política e econômica também sofreu muitas mudanças. Mas é notório que, por várias gerações, ser Gato Pelado ou Galinha Gorda representou uma certa cumplicidade, um forte sentimento de ligação à escola e aos valores lá compartilhados. Representava, também, ao menos para alguns, um compromisso de oposição aos valores católicos e aos valores vinculados ao ensino laico, que alicerçava toda uma rivalidade entre os alunos e que acabou perdurando por décadas.

Salienta-se a importância, tanto para os alunos do Gonzaga quanto para os do Pelotense, dos espaços em que se desenvolveram práticas culturais junto à comunidade que extrapolaram a sala de aula, tais como a atuação dos grêmios estudantis, a imprensa estudantil, os festivais de teatro, os jogos de futebol e as passeatas estudantis. Elas propiciaram possibilidades de vivências e superações de conflitos, que indubitavelmente têm papel fundamental na produção do conhecimento sobre a realidade. Certamente o envolvimento nessas práticas influenciou fortemente no encaminhamento pessoal e profissional de muitos alunos egressos.

Mas, como as práticas culturais eram diferenciadas nas instituições educacionais, os alunos desenvolveram *habitus* também diferenciados. Em relação aos alunos do Pelotense, inclusive, esse *habitus* passou a ser reconhecido na própria comunidade como o *espírito Gato Pelado*. Esse *espírito* foi sendo forjado, inicialmente, num espaço em que o ensino se propunha laico e os jovens eram selecionados por meio de rigorosos exames de ingresso, o que muito provavelmente lhes conferia o pertencimento a um grupo que já os diferenciava dos alunos dos demais estabelecimentos de ensino da cidade. Diferentemente dos Galinhas Gordas, suas manifestações irreverentes extrapolavam os muros do colégio e tomavam conta de vários espaços sociais e culturais da cidade, o que reforçava ainda mais este *habitus*.

É de observar o fato de que o *espírito Gato Pelado*, entendido como o *habitus* desenvolvido nessa instituição escolar, permaneceu mais forte e mais duradouro na lembrança não só dos alunos egressos como da própria memória coletiva de Pelotas. Talvez isso se deva ao fato de o Pelotense ser uma “escola de Pelotas”, mantida pela municipalidade e pelo trabalho de um seleto corpo docente constituído pelo que de melhor a terra possuía em termos de intelectualidade. Já o Gonzaga seguia orientações que eram similares a muitas das instituições de ensino ligadas à Igreja católica. E os professores, por sua vez, eram Irmãos pertencentes a uma ordem religiosa, portanto, “estranhos à comunidade”, pois eram oriundos de outras localidades.

Em relação ao significado e aos desdobramentos da rivalidade dos Gatos Pelados e dos Galinhas Gordas, questão que orientou o desenvolvimento deste estudo, pode-se afirmar que ela resultou da disputa política e ideológica, consequência de situações da conjuntura não só nacional como internacional, que envolviam a Igreja e a Maçonaria. E, mais além, dois projetos distintos para a manutenção da organização social vigente: um conservador, que pressupunha as imbricações entre Estado e Igreja, e outro alicerçado no ideário liberal, positivista e anticlerical, que pretendia a modernização, laicização e secularização da sociedade. De qualquer modo, tanto um quanto outro eram projetos defendidos pelos segmentos mais privilegiados social e economicamente.

As disputas entre os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas confirmam essa compreensão. Trata-se de alunos de duas instituições escolares que atendiam às elites, estabelecidas ou emergentes, respaldados por um ideário conservador e por um ideário com pretensões modernizantes.

Os desdobramentos dessa rivalidade, que passaram a fazer parte da cultura urbana de Pelotas, acarretaram pontos positivos, como a valorização do sentimento de pertencimento a um grupo, assim como a participação da comunidade junto às atividades escolares como os jogos de futebol, festivais de teatro e as passeatas. Isso pode ter contribuído com a importância que a comunidade dá até hoje à formação escolar, provavelmente colaborando com a característica atual da cidade de ser um

polo educacional que conta com duas universidades, fruto de interesses ligados ao catolicismo e ao ensino laico.

Certamente não pode passar despercebido que a grande consequência da disputa que se estabeleceu entre o Pelotense e o Gonzaga foi a busca de superação da escola opositora, através da qualidade do ensino ministrado. Isso as impulsionou a um aprimoramento constante e, conseqüentemente, resultou, resguardadas as diferenças de suas propostas de ensino, em duas escolas de excelência para os padrões da época.

## Referências bibliográficas

AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações, 1999 (Série História da Educação em Pelotas, n. 1).

\_\_\_\_\_. *Gatos Pelados x Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas – décadas de 1930 a 1960*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. (1992). *Economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CARDOSO, C. F.; MAUAD, A M. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora Ltda., 1999.

\_\_\_\_\_. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIÁRIO POPULAR, 5/7/1913.

FRAGO, Antonio Viñao. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. *Historia de la Educación*, v. 13-14, p. 17-74, 1993-1994.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000 (Texto & Arte, 9).

MAGALHÃES, Mário Osório. *História e tradições de Pelotas*. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1999.

OSÓRIO, Luís Fernando Osório. *A cidade de Pelotas*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes de História da Educação? *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 1, p. 13-28, 2001.

RYAN, Mary. A parada norte-americana: representações da ordem social do século XIX. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Endereço para correspondência:

Giana Lange do Amaral

Rua Três de Maio, 973

Centro

Pelotas-RS

CEP: 96.010-620

E-mail: [giana@ufpel.edu.br](mailto:giana@ufpel.edu.br)

Recebido em: 13 nov. 2009

Aprovado em: 8 out. 2010